



Ambiente Inteiro: Terra Indígena da Cabeça aos Pés

Mostra Local de: Guarapuava - PR

Categoria do projeto: Projeto em andamento

Nome da Instituição/Empresa: Associação de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento Humano Outro Olhar

Cidade: Guarapuava - PR

Contato: associacaooutro.olhar@yahoo.com.br / (42) 8402-1235

Autor (es): Associação de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento Humano Outro Olhar

Equipe: Sandra König, bacharel em administração e especialização em desenvolvimento rural; Silmara Aparecida Walendorff, assistente social; Luiz Henrique da Silva Marconato, técnico florestal; Francieli Calgaro, estudante de Agronomia e Joelma Lopes, técnica agropecuária.

Parceria: Faculdade Guarapuava – termo de colaboração técnico científica, também voltada para a difusão da experiência (exposições, palestras, etc) e auxílio na formação e certificação dos participantes dos cursos. IAP – Instituto Agroflorestal do Paraná, regional de Guarapuava-PR – parceria para fornecimento das mudas nativas para as áreas de agrofloresta. Funai Regional de Chapecó e Coordenação Local de Guarapuava e Nova Laranjeiras – colaboração no sentido de apoio na realização das atividades. - Escolas Indígenas das aldeias na organização das atividades relacionadas principalmente às formações (oficinas, cursos, dias de campo, etc). Joint – parceiro na disponibilização dos voluntários do programa de Serviço de Voluntariado Europeu. - Unicentro, com espaço para comercialização do artesanato nas feiras semanais. - Prefeitura Municipal de Guarapuava, espaço para comercialização do artesanato nas feiras semanais e divulgação dos produtos em eventos estaduais e nacionais.

Objetivo(s) de Desenvolvimento do Milênio trabalhado(s) pelo projeto: Objetivo 1

RESUMO

Palavras-chave: Indígenas, renda, fortalecimento

INTRODUÇÃO



1. JUSTIFICATIVA: Há mais de 500 anos, os portugueses chegaram ao litoral brasileiro dando início a um processo de colonização que foi responsável pela extinção de muitas sociedades indígenas, seja pelo processo político adotado, seja pela disseminação de inúmeras doenças. A Fundação Nacional do Índio – FUNAI – estima que a população indígena fosse de 1 a 10 milhões de indivíduos. No Brasil, até meados dos anos 70, acreditava-se que o desaparecimento dos povos indígenas seria algo inevitável. Nos anos 80, verificou-se uma tendência de reversão da curva demográfica e, desde então, a população indígena no país tem crescido de forma constante, indicando uma retomada demográfica por parte da maioria desses povos (ISA, 2012). Os mais de 230 povos indígenas somam, segundo o Censo IBGE 2010, 896.917 pessoas. Destas, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país (ISA, 2012). Nas análises de Azevedo, a população autodeclarada indígena no Censo Demográfico de 2010 teve um pequeno aumento em relação ao censo de 2000. Porém no sul e sudeste, a população autodeclarada indígena foi menor em números absolutos do que aquela em 2000 (Azevedo, 2011). No Paraná a população autodeclarada indígena em 2000 era de 31.488 e em 2010 esse número baixou para 25.915 indivíduos. Fato este que, de acordo com Azevedo, “a população autodeclarada indígena no censo de 2000 parece ter migrado para outra categoria, possivelmente a ‘parda’. Poderíamos supor que a população nesses estados oscilou nos últimos dez anos entre se autodeclarar afrodescendente ou indíodescendente” (Azevedo, 2011). Ainda, segundo a autora, a análise desses resultados deve priorizar os trabalhos relacionados também às migrações, aos deslocamentos espaciais da população indígena em direção aos centros urbanos e, ao mesmo tempo, à sua presença, enquanto moradia principal, nas aldeias de origem. A migração entre aldeias é bastante comum entre os Guaranis, motivados, seja por questões culturais, como também conflitos entre diferentes lideranças nas próprias Terras Indígenas. A partir dos anos de trabalho da Outro Olhar junto às aldeias é possível observar essas migrações, principalmente das aldeias mais isoladas para as mais próximas de centros maiores, na sua maioria jovens, que vão em busca de ‘mais oportunidades’. Outro fator que motiva a migração são os conflitos internos, muitas aldeias indígenas guarani estão em Terras Indígenas Kaingangs, e a relação entre as duas etnias nem sempre é tão harmoniosa. A questão da renda necessita de atenção, de acordo com o Censo Demográfico 2010, em aspectos nacionais, a análise de rendimentos comprovou a necessidade de se ter um olhar diferenciado sobre os indígenas: 52,9% deles não tinham qualquer tipo de rendimento, proporção ainda maior nas áreas rurais (65,7%); porém, vários fatores dificultam a obtenção de informações sobre o rendimento dos trabalhadores indígenas: muitos trabalhos são feitos coletivamente, lazer e trabalho não são facilmente separáveis e a relação com a terra tem enorme significado, sem a noção de propriedade privada (IBGE, 2010). Está em andamento um levantamento sobre as rendas familiares das famílias guaranis das aldeias da Rede Solidária Popyguá, o qual está sendo realizado pelos jovens participantes do curso Formando em Rede; a partir de conversas e percepções,



arriscamos dizer que o percentual de indígenas sem rendimento, entre essas aldeias, é igual ou superior aos quase 68% levantados pelo censo 2010, não considerando o programa Bolsa Família. As poucas atividades desenvolvidas são pequenas lavouras de autoconsumo e algumas coletivas, que, no entanto, nem sempre têm uma distribuição equitativa e a atividade com artesanato, mais comum, sendo que geralmente são as mulheres, juntamente com seus filhos, que desenvolvem as atividades rentáveis ligadas ao artesanato, porém ainda, subordinadas aos homens, que normalmente fazem o contato com os não indígenas para a venda. Do universo indígena a Outro Olhar priorizou, nos últimos anos, o trabalho com dez aldeias da etnia guarani, sendo elas as participantes da Rede Solidária Popyguá, que somam uma população de 2.034 pessoas, localizadas em 09 Terras Indígenas, destas, quatro são guaranis e cinco são kaingang. São todas aldeias consideradas rurais, na maioria distante de rodovias asfaltadas. Apenas duas, Palmeirinha do Iguaçu e Tapixi, são próximas a rodovias. As demais distam entre 15 e 40 km das sedes dos municípios aos quais pertencem geograficamente, por estradas de terra nem sempre bem conservadas. Essa distância da maioria das comunidades dificulta as iniciativas de geração de renda devido ao custo da logística de transporte. Por outro lado, aquelas próximas às rodovias sofrem com problemas sociais, atropelamentos (geralmente decorrentes de consumo de bebida alcoólica), prostituição e desmotivação cultural, ou seja, os jovens já não são muito interessados em participar das cerimônias tradicionais. Embora cada uma das aldeias possua suas particularidades, algumas características são comuns a todas, tais como: a dificuldade de manter a família unida e na comunidade; a dificuldade de acesso; e a falta de iniciativas sustentáveis, voltadas para a geração de renda e melhoria das condições de vida na comunidade. Essa última agrava ainda mais a ociosidade, o que desencadeia uma série de fatores sociais, que influenciam diretamente na deterioração dos seres humanos e na desvalorização cultural. Consideramos esses itens como os maiores desafios a serem superados para a reconstrução de uma etnia que 'teima' em se manter viva, preservando a essência do 'Nhadereko', modo de vida Guarani, e a sabedoria na relação com a natureza, tendo muito a compartilhar com os não indígenas, na questão de um desenvolvimento mais sustentável.

2. OBJETIVO GERAL: Promover a geração de renda através do desenvolvimento de grupos produtivos, programa de formação, fortalecimento cultural por meio da documentação oral e conservação ambiental.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Aumentar a renda de famílias indígenas a partir do desenvolvimento da produção de plantas medicinais e artesanato, bem como apoiar a comercialização desses produtos. Desenvolver e realizar um programa de formação para indígenas com abordagem a temas diversos e construir um 'conceito' de desenvolvimento local considerando a especificidade cultural e étnica. Fortalecer a



cultura Guarani das comunidades da Rede Solidária Popyguá a partir da valorização de aspectos sociais, econômicos e ambientais.

6. VOLUNTÁRIOS: Participam do projeto, voluntários que fazem parte do programa de Serviço de Voluntariado Europeu que participam das atividades de campo nas aldeias (plantio, limpeza, comercialização, exposições, etc).

9. ORÇAMENTO: O valor total deste projeto é de aproximadamente R\$ 600.000,00, considerando todas as atividades, desde mudas, sementes, equipamentos, atividades culturais e o processo de formação dos participantes, assim como, o acompanhamento técnico por três anos. As atividades foram iniciadas em 2012 e tem como principal financiador a IAF – Fundação Interamericana.